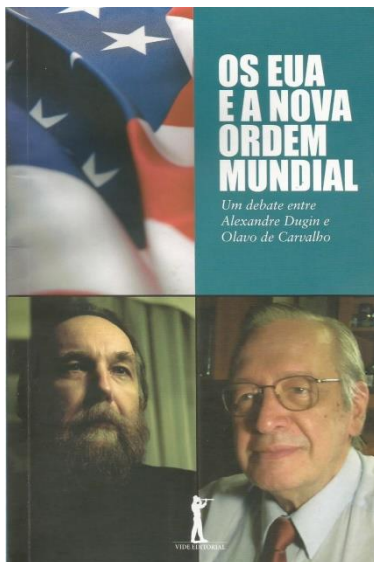


RESENHA:

CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial**. Tradução de Giuliano Moraes. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2012.

Gabriel Saldanha Lula de Medeiros

Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Campus Central – Natal.
gabriellula96_@hotmail.com



O livro “Os EUA e a Nova Ordem Mundial” não é uma obra dirigida, especificamente, ao público de geógrafos, embora abarque temas da geopolítica e trate a respeito de dinâmicas econômicas, espaciais e sociais ao redor do mundo. Este trabalho, na realidade, é fruto de um debate entre dois filósofos, um deles brasileiro e o outro russo: o primeiro é Olavo de Carvalho e o segundo Alexandre Dugin. O debate entre os estudiosos gira em torno de uma questão central: “Quais são os fatores e atores históricos, políticos, ideológicos e econômicos que definem atualmente a dinâmica e a configuração do poder no mundo e qual a posição dos Estados Unidos da América no que é conhecido como Nova Ordem Mundial?”

Olavo de Carvalho e Alexandre Dugin são filósofos de pensamentos opostos, ficando a oposição evidente ao longo do debate, sendo ela a maior motivação para fazê-lo. O primeiro é autodidata em filosofia, sendo também jornalista. Entre suas obras mais famosas, estão os livros “O Imbecil Coletivo” (1996 – recebeu seis edições em apenas oito meses de lançamento), “O Jardim das Aflições” (1995), “Aristóteles em nova perspectiva”, “A Nova Era e a Revolução Cultural” (1994) e “Maquiavel e a Confusão Demoníaca” (2011). Carvalho é fundador do *Inter-American Institute for Philosophy, Government, and Social Thought*. Considerado um filósofo defensor da consciência individual e de ideias politicamente de direita.

Alexandre Dugin, por sua vez, é russo, filho de um ex-agente do serviço secreto soviético. Suas obras e produções intelectuais não são tão divulgadas no Brasil, embora seja

um homem de peso para os anais da filosofia e da ciência em seu país de origem. Dugin é diretor do Centro de Pesquisas Conservadoras da Faculdade de Sociologia da Universidade Estatal de Moscou, além de ser líder do Movimento Internacional Eurasiano e, ao oposto de seu debatedor, é um homem cuja produção baseia-se uma filosofia de caráter supra-individual.

Dugin abre o debate trazendo um recorte histórico acerca do desenvolvimento da Nova Ordem Mundial. Para ele, a mesma ainda não está plenamente configurada e sim em fase de transição. A transição para esta nova configuração teve seu começo com o fim da União Soviética e da Guerra Fria, em primórdios da década de 1990, onde esperava-se o início de uma possível cooperação entre Estados Unidos e União Soviética. Tal cooperação foi estremecida devido a divisão dos países comunistas. Desde então, o mundo encontra-se em estado de transição para a Nova Ordem Mundial, com um modelo político e econômico predominante representado pelos países mais poderosos e influentes.

Em face ao poder dos Estados Unidos frente ao mundo, em diversos aspectos, Dugin considera o seu papel de ator principal para a nova ordem que caminha para entrar em vigência. Segundo ele, os Estados Unidos podem representar uma ordem unipolar, sendo o país mais poderoso do planeta, porém, a ordem seria multilateral, uma vez que contará com o apoio de países economicamente e ideologicamente próximos, como a União Europeia, Japão e Israel. Os Estados Unidos, de acordo com ele, visa estender seu poder (considerado por muitos como imperialista) através da promoção da democracia, dos direitos humanos e de uma sociedade mais individualista, em escala globalizada, a qual o autor também chamada de “processo de ocidentalização”. Com isso, promover-se-ia um aumento do comércio e do livre mercado com os países então democráticos, concomitante com uma maior ascensão do liberalismo.

Dugin considera que o mundo, ao longo do tempo, presenciou grandes impérios ocidentais: o primeiro sendo representado pelo império romano, o segundo pela disseminação dos ideais cristãos através das grandes navegações medievais e, por fim, o império norte-americano. Apesar de considerar os EUA como sendo o principal ator deste processo, destaca que há obstáculos. O primeiro deles seria o crescimento do radicalismo islâmico que objetiva o estabelecimento de um califado mundial, tendo Osama Bin Laden como o seu maior representante. O segundo diz respeito à resistência de alguns países com políticas e ideologias opostas, como é o caso dos países comunistas e socialistas, em exemplo da Coreia do Norte, China, Cuba, Venezuela e Irã. O último obstáculo, não menos importante, seria o movimento eurasiático, ao qual o seu debatedor chama de

“projeto russo-chinês”. Eurásia (junção dos nomes “Europa” e “Ásia”) é um movimento que pretende o acordo entre alguns países do leste europeu e da Ásia, sendo a Rússia e a China os principais fomentadores dessa ideia. Acordo parecido já existe na Europa, sendo ele a União Europeia.

Olavo de Carvalho concorda que ainda não há uma ordem mundial, mas, por sua vez, expõe praticamente os mesmos atores atuantes no processo de transição, embora cada um deles ocupando posições diferentes as dadas por Dugin. De acordo com o autor, existem três projetos de globalização ou de domínio da nova ordem mundial, que não estão apenas na intenção de servir de obstáculo ao imperialismo estadunidense, como propõe seu debator, e sim em ter seu próprio plano de ação. Segundo ele, o projeto globalista da elite ocidental, como um todo, é muitas vezes confundido como sendo um projeto “anglo-americano”. A pretensão de difundir mundialmente aquilo que Karl Popper chamou de “sociedade aberta” não seria, na realidade, uma intenção dos EUA, e sim de toda a elite ocidental, através da promoção do livre mercado, de políticas liberais, visando uma maior extensão de seu capital e possibilidade de aumento de sua riqueza.

Carvalho também elenca, como atores coadjuvantes desse processo, os liberes islâmicos, visto que, para ele, “os globalistas islâmicos atendem, em princípio, a interesses gerais de todos os Estados mulçumanos, unidos no grande projeto do Califado Universal” (CARVALHO; DUGIN, 2012, p. 48).

Por último, carvalho menciona o que ele chama de “projeto russo-chinês”, denominado por Dugin como “movimento eurasiânico”. Segundo ele, este é o único projeto que “pode ser concebido em termos estritamente geopolíticos, já que seus planos e ações correspondem a interesses nacionais e regionais bem definidos” (CARVALHO; DUGIN, 2012, p. 46). Os interesses nacionais representados, pois, estariam embasados em políticas comunistas e pensamentos de esquerda ainda presentes nas elites política e econômica de ambos os países, já que a China ainda se encontra em regime comunista e a Rússia, além dos resquícios de sua história enquanto membro da União Soviética, é o berço do movimento eurasiânico, justamente idealizado por Alexandre Dugin.

Dugin, por um lado, diz que a ordem mundial tende a se formar tendo os EUA como seu centro, em um caráter unipolar, com a disseminação das ideias da “sociedade aberta”, embasando-se em princípios imperialistas. Carvalho, em contrapartida, diz que esta é intenção da elite ocidental como um todo. Para Dugin, o movimento eurasiânico serviria apenas como um obstáculo, já para Carvalho, tal movimento atua com a intenção pôr em prática o seu próprio plano globalista. As provas para isso seriam que:

O bloco russo-chinês apresenta-se como aliado dos EUA na ‘luta contra o terrorismo’, ao mesmo tempo que fornece armas e toda sorte de ajuda a praticamente todas as organizações terroristas do mundo e aos regimes antiamericanos do Irã, da Venezuela, etc., e espalha, até por meio de altos funcionários, a lenda de que o atentado do World Trade Center foi uma obra do governo americano (CARVALHO; DUGIN, 2012, p. 50).

Para ele, a China também age de maneira dual, uma vez que: “A China, bem alimentada por investimentos americanos, dá provas de que a sua aparente liberalização da economia foi apenas uma fachada para a manutenção do regime totalitário, cada vez mais sólido e aparentemente indestrutível” (CARVALHO; DUGIN, 2012, p. 52).

Por fim, em suas conclusões, os autores reafirmam suas ideias. Dugin, em suas considerações finais, diz insistir que “o mundo atual é unipolar, tendo como seu centro o Ocidente Global, e tendo os Estados Unidos como seu coração. Os argumentos contrários do professor Olavo de Carvalho não me convenceram de maneira alguma” (CARVALHO; DUGIN, 2012, p. 207).

O livro “Os EUA e a Nova Ordem Mundial” é um debate profundo acerca das relações de poder existentes atualmente, com um recorte histórico que remonta ao “esfacelamento” soviético até os dias atuais, com construção de hipóteses que levam até o possível desfecho dessas relações. É uma rica leitura para estudiosos das ciências humanas em geral, uma vez que traz à luz temáticas envolvendo política, geografia, filosofia, sociologia, economia, história e tantas outras. O debate entre estes filósofos clareia as noções envolvendo problemáticas que, por vezes, são ignoradas ou até mesmo não percebidas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial**. Tradução de Giuliano Moraes. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2012.

Recebido para avaliação em 18/01/2016
Aceito para publicação em 22/05/2016